

Algo sobre a sucessão papal

Tiago Wolff Beckert
15/04/05

"Morto um papa, se faz outro." (tradicional refrão romano)

E desta forma, seca e direta, são substituídos, um após outro, os chefes da maior instituição do mundo. Mas não foi dessa forma que procederam as manifestações de despedida ao Papa João Paulo II, figura carismática e conservadora, que durante 26 anos foi o chefe máximo da Igreja Católica. Ao contrário, estima-se que centenas de milhares de fiéis (e não-fiéis também, porque não?) acompanharam as cerimônias de despedidas a Karol Wojtyła.

Entretanto, o mundo espera ansioso pela escolha do Conclave. Enquanto isso, o atual camerlengo, o espanhol Eduardo Martínez Somalo, é a última voz nos domínios da Igreja. É ele quem guiará o ritual de eleição do novo Papa pelos 118 cardeais votantes, que terá início no próximo dia 18. Como de costume, os mistérios são muitos, e os consensos, poucos.

No sistema atual, regulamentado pelo Papa João Paulo II em 1996, todos os cardeais têm chances de serem eleitos, desde que obtenham dois terços dos votos no Conclave. Contudo, as especulações apontam candidatos mais fortes, seguindo algumas tendências.

Uma delas indica um Papa menos centralizador, acatando mais o princípio da "colegialidade" – mais aberto aos bispos e às assembleias episcopais. Se ocorrer, não será muita surpresa: estar-se-á seguindo o movimento pendular típico da Igreja. Este consenso mantém-se em pé, ao contrário daquele que indicava um Papa do Terceiro Mundo. Não se quer dizer aqui que essa possibilidade tenha sido abolida. Entretanto, fala-se por aí em um novo Papa europeu, baseado na crise que a Igreja Católica vem enfrentando naquele continente. Esse raciocínio traduz-se no oposto do que foi divulgado por alguns ramos dos meios de comunicação, que fundamentavam a escolha de um Papa terceiro-mundista no crescimento que a religião católica tem visto nessa região. Encontramo-nos em uma encruzilhada: o catolicismo tem ganhado ou perdido fiéis no sul do globo? Faz mais sentido escolher-se um Papa advindo de uma região na qual o catolicismo cresce ou reduz-se?

Mas, e se o cardeal eleito for mesmo um representante ou simpatizante das causas do Terceiro Mundo? E se for Francis Arinze que, apesar de extremamente simpático e de não assustar ninguém em termos de doutrina (oscila entre o moderado e o conservador), é nigeriano, e negro? Estaria a Igreja Católica preparada para isso? Apesar do extremo avanço e da bela demonstração de igualdade entre as pessoas, o choque seria muito grande.

Seguindo o mesmo raciocínio, ao falar-se de América Latina, sempre surge o nome de Oscar Andrés Rodríguez Maradiaga, hondurenho que, além de muito talentoso, é multi-instrumentista (toca saxofone, piano, acordeão, violão e bateria), poliglota (fala espanhol, inglês, francês, alemão, italiano e português, além do grego e do latim) e pilota aviões. Quais alterações tal fato traria para o mundo católico e, mais especificamente, para a política internacional?

Em alguns casos acarretando mudança na direção da doutrina católica (oscilando entre liberais e conservadores), em outros não. Quais seriam as conseqüências de um Papa que zele pelas causas dos países do Terceiro Mundo?

Nunca se duvidou da capacidade dos povos de países mais pobres em aderir uma religião. Não importa, aqui, se isso implica em uma relação causal ou não. O que é passível de ser visualizado, entretanto, é a entrega espiritual dessas pessoas. Contudo, a escolha de um Papa terceiro-mundista poderia ter grandes implicações nas formas como a Igreja trata os principais temas concernentes a seu território de influência. Entre eles temas polêmicos, como métodos contraceptivos, maior inclusão feminina na Igreja, aborto, eutanásia, etc.

Com relação ao continente africano, possuidor do menor peso dentro da Igreja Católica, políticas sociais promovidas pela Igreja poderiam engatilhar um novo patamar educacional da população. Continente sempre assolado e assombrado pela AIDS, poderia

reduzir suas taxas de transmissão do vírus HIV caso o catolicismo não condenasse o uso de métodos contraceptivos, tais como a camisinha. Isso é válido para todo o mundo.

Em outro caso, não fugindo, entretanto da realidade africana, encontramos a necessidade de ações sociais que visem à melhoria na qualidade de vida, pegando como exemplo a América Latina. São visíveis as tentativas de implementação de ações sociais que busquem garantir a segurança e o acesso às condições básicas de sobrevivência para as populações mais pobres. Entretanto, a força política da Igreja Católica teria totais condições de incrementar o vetor resultante desses esforços, tanto por meio de ações próprias, quanto incitando ações de cooperação entre distintas nações.

Que fique bem claro: não está sendo argumentado sobre a falta de atuação do Papa João Paulo II no âmbito social. O que está sendo questionado, entretanto, é a efetividade de suas ações e a linha extremamente conservadora por meio da qual se buscava alcançar resultados.

Espera-se que o próximo condutor de uma das mais abrangentes ideologias mundiais seja uma personalidade mais aberta ao pensamento moderno e que possa, com isso, garantir mais êxito nas políticas em favor daqueles que mais carecem de auxílio e direção.